



A IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS FREIRIANOS PARA A COMPREENSÃO DE SUA PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Alessandra Fonseca FARIAS (UFGD)¹
Fabio PERBONI (UFGD)²

RESUMO:

Este artigo decorre de um recorte das pesquisas desenvolvidas no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao longo dos últimos anos. Seu objetivo é apresentar conceitos freirianos que embasam as concepções e práticas pedagógicas na alfabetização de adultos desenvolvidas por Paulo Freire, autor mundialmente reconhecido, mas pouco estudado em seu próprio país de origem, o Brasil. Ao longo das reflexões em torno do pensamento freiriano, retomamos alguns conceitos-chave: a relação opressor x oprimido, a educação bancária e a educação problematizadora/dialógica, passando pela discussão da humanização e da visão de mundo, concepções que culminam em uma diferenciada e eficaz proposta de alfabetização de adultos.

Palavras-chave: Concepções freirianas de educação; Educação problematizadora/dialógica; Proposta de alfabetização de adultos.

1. Introdução

O trabalho em tela discorre sobre a atualidade de Paulo Freire no contexto da educação brasileira. Para tal, recupera conceitos-chave de seu pensamento que resultam em propostas pedagógicas para o processo de alfabetização de adultos, uma parte do legado deste importante autor, mundialmente reconhecido, para nós o eterno patrono da educação brasileira.

Para a elaboração deste ensaio, recorreremos à pesquisa bibliográfica, privilegiando a leitura e análise das obras de Freire (1980; 1982; 1987; 2005 e 2008). Consideramos que a especificidade de sua proposta de alfabetização de adultos se assenta em três aspectos: 1. Considera que a educação é um ato político e, dessa forma, procura superar o ensino como simples ato de transferência de conteúdos; 2. Trata os adultos diferentemente das crianças e adolescentes no processo educativo, reforçando a ideia da não infantilização na Educação de Jovens

¹ Doutoranda PPGEduc FAED/UFGD – alessandrafonsecafarias@gmail.com.

² Docente PPGEduc FAED/UFGD - fabioperboni@ufgd.edu.br.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

e Adultos (EJA) e 3. Tem no diálogo um dos fundamentos metodológicos no tratamento dos sujeitos educandos e educadores, os quais constroem mutuamente o processo educativo.

Comumente associado pelo senso comum a um método de alfabetização de adultos e identificado somente como o criador de uma nova técnica de alfabetização, Freire rejeita essa marca uma vez que afirmou em vida não querer ser visto e reconhecido apenas por este traço de sua obra. Antes de chegar a uma proposta metodológica de alfabetização, Freire desenvolveu uma concepção antropológica que vai além da técnica ou de um método pronto.

Em entrevista³ concedida a um pesquisador brasileiro, em 1972, Paulo Freire contesta esse reconhecimento parcial de seus trabalhos:

Há uma imprecisão que é preciso apontar. Nessa época (no Brasil), como hoje, eu não estava exclusivamente preocupado com a alfabetização. Eu não sou, como muita gente pensa, um especialista na alfabetização de adultos. Desde o início de meus trabalhos eu procurava alguma coisa além do que um método mecânico que permitisse ensinar rapidamente a escrita e a leitura. É certo que o método devia possibilitar ao analfabeto aprender os mecanismos de sua própria língua. Mas, simultaneamente, esse método devia lhe possibilitar a compreensão de seu papel no mundo e de sua inserção na história.

Tratamos aqui de elementos fundantes do pensamento de Freire que fazem com que o comumente chamado "Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos" possa ser compreendido como um processo mais amplo de emancipação do sujeito e de sua compreensão de mundo. Ao retirar a denominação de método, queremos desarticular a proposta de alfabetização freiriana da mera aplicação de técnicas, dissociada das especificidades que cada grupo de educandos e contexto social aportam.

Tratamos, portanto, dos conceitos de relação opressor X oprimido, educação bancária e educação problematizadora/dialógica em Paulo Freire, concepções que o autor apresenta ao longo de sua produção científica atrelada às suas práticas e que culminam em uma proposta de alfabetização de adultos que, inclusive, tem desdobramentos para diversos públicos e processos educativos.

³ Entrevista em 14/11/1999, para o Programa Conexão Internacional, da TV Cultura de São Paulo.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

2. Relação opressor X oprimido

O livro *Pedagogia do Oprimido* foi escrito em 1968 pelo pedagogo, educador, filósofo e escritor Paulo Freire, resultado de cinco anos de exílio, considerado um de seus livros mais emblemáticos. No primeiro capítulo intitulado "Justificativa da Pedagogia do Oprimido", Freire (1987) estabelece as bases do seu pensamento através da reflexão do processo de desumanização causada pela relação opressor e oprimido.

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada." (FREIRE, 1987, p.16)

Freire (1987) denuncia a relação dualista opressor X oprimido, reflexo de uma estrutura que sustenta a heteronomia⁴, na qual o diálogo é impossibilitado e a ideologia opressora promove a absolutização da ignorância, "que implica na existência de alguém que a decreta a alguém" (p. 75).

Paulo Freire deu visibilidade ao oprimido, algo que a cultura dominante ocultava, retirando-o da margem e colocando-o no centro como sujeito transformador de sua própria história e da humanidade. Ele deixou claro que toda prática educativa começa com a experiência direta, imediata e cultural do educando, em suas palavras, na sua visão de mundo.

Desse modo, Freire (1987) aponta como problema fundamental do processo de alfabetização tradicional a apresentação de codificações sem relação com o contexto concreto da experiência social do educando. Para ele, ninguém começa lendo a palavra, porque antes de ler a palavra lemos o mundo e lemos o mundo na maneira em que o entendemos e o interpretamos.

A concepção antropológica de Paulo Freire se resume em que, primeiramente, somos seres dotados de curiosidade e, nessa busca curiosa, lemos o mundo. Logo, nos percebemos enquanto seres inacabados, incompletos, inconclusos que precisam uns dos outros e que estão conectados a um mundo em

⁴ Do grego heteros "diversos" + nomos "regras"), oposto de autonomia, conceito criado por Kant para denominar a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros ou de uma coletividade.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

transformação. Assim, o pensamento teórico de Paulo Freire está baseado no fato de que também o ser humano está em constante evolução e

Constatar essa preocupação implica, indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade - a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca (FREIRE, 1987, p. 07).

A obra *Pedagogia do Oprimido*, ao denunciar as contradições opostas como a relação opressor X oprimido, anuncia uma nova visão de mundo, de relações humanas, sobretudo na superação das dualidades através da conscientização. E este livro detém um legado e um impacto gigantesco na educação e na pedagogia ao humanizar também a relação pedagógica professor X aluno.

3. Educação Bancária X Educação Problematicadora/Dialógica

A concepção de educação bancária formulada por Freire (1987) representa todo e qualquer tipo de educação tradicional na qual o professor, considerado como ser dotado de conhecimento, irá transmiti-lo aos alunos. Mais que isso, o professor deposita nos alunos os conteúdos com o intuito de sacá-los no dia da avaliação, o que se constitui como uma educação desprovida de sentido. "Daí que a 'educação bancária' (...) jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos" (FREIRE, 1987, p. 35).

Nesse sentido, Freire (1987) afirma que a educação bancária sugere uma dicotomia inexistente de homens-mundo, na qual os homens simplesmente estão no mundo e não com o mundo e com os outros. Nessa perspectiva,

Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra no outro (FREIRE, 1987, p. 67).

A prática da educação bancária é, portanto, totalmente contrária à conscientização, pois serve para domesticar e alienar, o que cedo ou tarde pode promover um "confronto com a realidade (...) e despertar os educandos, até então passivos, contra sua 'domesticação'" (FREIRE, 1987, p.35).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Como forma de superar práticas educativas de cunho bancário, Freire propõe a “educação problematizadora” ou “educação dialógica”, que por sua vez é comprometida com a libertação e tem como intuito fazer com que o educando seja um ser crítico, que perceba a realidade a sua volta e se perceba enquanto sujeito histórico capaz de transformá-la.

Enquanto, na concepção 'bancária' (...) o educador vai 'enchendo' os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo (FREIRE, 1987, p. 41).

Enquanto a educação bancária assistencializa, a educação problematizadora critica. Enquanto a primeira dá ênfase à permanência, a segunda reforça a mudança. A primeira serve à domesticação, inibe a criatividade e nega aos homens sua vocação ontológica e história de humanizar-se; a segunda, servindo à libertação, “se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade”, respondendo à sua vocação de ser mais (FREIRE, 1987, p. 41).

Através da educação problematizadora/dialógica, os homens vão percebendo criticamente como estão sendo no mundo com que e em que se acham. Ela diz respeito à condição dos homens e mulheres como seres históricos e à sua historicidade. Diferente da percepção fatalista de mundo na que a concepção bancária se assenta, a concepção problematizadora propõe aos homens sua situação enquanto problema que pode ser superado através da libertação de si mesmo e do opressor (FREIRE, 1987).

[...] o processo de alfabetização, como ação cultural para a libertação, é um ato de conhecimento em que os educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes em diálogo com o educador, sujeito cognoscente também. Por isto, é uma tentativa corajosa de desmitologização da realidade, um esforço através do qual, num permanente tomar distância da realidade em que se encontram mais ou menos imersos, os alfabetizados dela emergem para nela inserirem-se criticamente (FREIRE, 1982, p. 48).

Para Freire (1982), se a “educação para a domesticação” constitui-se num ato de transferência de conhecimentos, de outro lado a “educação para a libertação” representa o próprio ato de conhecer e de transformar. Neste sentido, a proposta pedagógica freiriana representa um ato de conhecimento e de superação da



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

contradição opressor-oprimido, rompendo com a ordem social estabelecida de opressão e de massificação do povo.

Em resposta à prática da educação bancária, a educação problematizadora praticada pelo “educador humanista revolucionário” é identificada com a participação dos educandos em seu processo de libertação de ambos, mediada pelo diálogo (BEISEGEL, 1989).

Assim, o educador já não é aquele que somente educa, “mas aquele que enquanto educa é educado através do diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1987, p. 39).

Na educação problematizadora/dialógica, assuntos antes trabalhados sem percepções e reflexões profundas se destacam e assumem um caráter desafiador, de problema a ser superado. Assim, a realidade surge em sala de aula não como algo estático, mas como realidade em processo de transformação. Buscam-se as verdadeiras razões de “como estão sendo os homens no mundo e se defende a todo custo o diálogo como relação indispensável para o ato cognoscente desvelador da realidade” (BEISEGEL, 1989, p. 86).

É essa perspectiva problematizadora de educação proposta por Paulo Freire que acreditamos ser imprescindível para a prática de educadores que se comprometem com a aprendizagem dos educandos, aprendizagens não só de conceitos e conteúdos, mas da percepção da realidade à sua volta e de tomada de consciência para assumir o desafio de transformação que lhe é indispensável na sua busca por humanização.

4. Proposta freiriana de alfabetização de adultos

Ancorado numa perspectiva problematizadora e dialógica de educação, Freire desenvolve um método para alfabetização de adultos que passa a considerar os sujeitos historicamente excluídos do acesso à educação como sujeitos “molhados” de cultura e, portanto, de saberes:

A concepção, na melhor das hipóteses, ingênua do analfabetismo o encara ora como uma “erva daninha” – daí a expressão corrente: “erradicação do analfabetismo” -, ora como uma “enfermidade” que passa de um a outro, quase que por contágio, ora como uma “chaga” deprimente a ser “curada” e cujos índices, estampados nas estatísticas de organismos internacionais, dizem mal dos níveis de “civilização” de certas sociedades. Mais ainda, o analfabetismo aparece também, nesta visão ingênua ou astuta, como a



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

manifestação da "incapacidade" do povo, de sua "pouca inteligência", de sua "proverbial preguiça" (FREIRE, 1982, p. 13).

Para Freire (1982), as repostas à problemática do analfabetismo não devem adquirir um "caráter mecanicista", conservador, caracterizado pela prática da educação bancária aqui antes mencionado. Do contrário, a alfabetização se reduz ao ato mecânico de "depositar" palavras, sílabas e letras no alfabetizando (FREIRE, 1982). Desse modo,

As cartilhas, por boas que sejam, do ponto de vista metodológico ou sociológico, não podem escapar, porém à uma espécie de "pecado original", enquanto são o instrumento através do qual se vão "depositando" as palavras do educador, como também são seus textos, nos alfabetizando. E por limitar-lhes o poder de expressão, de criatividade, são instrumentos domesticadores (FREIRE, 1982, p. 14).

Assim, Freire (1982) propõe que os próprios educadores, em conjunto com seus educandos, elaborem textos. Na atualidade, essa perspectiva tem sido aceita por educadores que romperam com o modelo bancário, independentemente do nível ou modalidade de educação em que atuam. O autor afirma ainda que "tanto as palavras quanto os textos das cartilhas nada têm a ver com a experiência existencial dos alfabetizando" (FREIRE, 1982, p. 14), o que acaba por afastar e desinteressar os educandos.

Ainda em relação ao uso das denominadas cartilhas, outro aspecto rejeitado por Freire é a forma de tratamento que é dispensada aos adultos:

[...] tanto as palavras quanto os textos das cartilhas nada têm a ver com a experiência existencial dos alfabetizando. E quando têm, se esgota esta relação ao ser expressada de maneira paternalista, do que resulta serem tratados os adultos de uma forma que não ousamos sequer chamar de infantil (FREIRE, 1982, p. 14).

Cabe ressaltar que, ao elaborar um método de alfabetização que altera o tratamento dos sujeitos que foram excluídos do direito à educação, Freire (1982) inova também com relação ao olhar sobre o professor. Este, de único possuidor do conhecimento, passa a ser, na concepção freiriana, um sujeito de conhecimento que está "face a face com outros sujeitos de conhecimento", e que "jamais pode ser um memorizador, mas alguém que constantemente refaz sua capacidade de conhecer no exercício que desta mesma capacidade fazem os educandos" (FREIRE, 1982, p. 54).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos, projetávamos levar a termo uma alfabetização direta, ligada realmente à democratização da cultura e que servisse de introdução; ou, melhor dizendo, uma experiência susceptível de tornar compatíveis sua existência de trabalhador e o material que lhe era oferecido para aprendizagem. Verdadeiramente, só uma paciência muito grande é capaz de suportar, depois das dificuldades de uma jornada de trabalho, as lições que citam a "asa": "Pedro viu a asa"; "A asa é do pássaro"; ou as que falam de "Eva e as uvas" a homens que, com freqüência, sabem pouquíssimo sobre Eva e jamais comeram uvas. (FREIRE, 1980, p. 41)

A proposta inicial de alfabetização de Paulo Freire foi apresentada no artigo "Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo", com registros do ano de 1963, quando ele ainda morava no Recife-PE. A metodologia correspondia às preocupações explicitadas pelo educador em seus escritos anteriores e, como nos demais, apresentava notável simplicidade (BEISEGEL, 1989).

Os trabalhos eram iniciados a partir de discussões em torno do conceito de cultura, um singular esforço de iniciação dos analfabetos em antropologia para, segundo Freire (1978), ajudá-los a iniciar a modificação de suas atitudes básicas diante da realidade e a começar a reformulação de seu saber preponderantemente mágico, superando certo fatalismo por culpar a Deus ou o destino, ou ainda sua sina pelos erros de uma estrutura arcaica e desumana. Para essa superação, para Freire o caminho era levar os analfabetos ao conceito antropológico de cultura. As "fases do sistema", como denomina Freire (1978), são:

1. Levantamento do universo vocabular do grupo;
2. Seleção nesse universo dos vocábulos geradores, sob um duplo critério: a) o da riqueza fonêmica e b) o da pluralidade de engajamento na realidade local, regional e nacional;
3. Criação de situações existenciais, típicas do grupo que vai se alfabetizar.
4. Criação de fichas-roteiro, que auxiliam os coordenadores de debate no seu trabalho e
5. Feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

Mais uma vez se antagonizam as duas concepções e as duas práticas que estamos analisando. A 'bancária', por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. A problematizadora, comprometida com a libertação, se empenha na desmitificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele a indispensável relação ao ato cognoscente, desvelador da realidade. (FREIRE, 1987, p. 41)



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Sua proposta de alfabetização está, portanto, totalmente ligada à sua antropologia, pois trabalha com: 1) A visão do mundo, que é o princípio fundamental da teoria do conhecimento de Paulo Freire, se somos seres curiosos vamos em busca de conhecer e explicar o mundo; 2) A tematização, que é o trabalho com as palavras e temas geradores que partem do que os educandos conhecem e vivem e vão em busca de seus significados, conceitos e 3) A problematização, que é o momento culminante do método freiriano, no qual o educando deixa de lado sua consciência ingênua dando lugar a uma consciência crítica, enxergando sua realidade e sua posição no mundo enquanto ser histórico de luta.

5. Considerações finais

Tendo em vista as discussões apresentadas neste artigo, concluímos que é no desafio de superar o analfabetismo e as práticas bancárias de educação em nosso país, desafio ainda presente, que reside a atualidade da proposta freiriana.

Freire nos provou que não há saber mais ou saber menos, que o que dicotomiza os seres humanos é a relação de opressão que está posta, que é através de uma educação conscientizadora que formamos pessoas críticas, reflexivas e participativas na sociedade e que é pela negação de condições básicas de vida, como a educação, que vivem oprimidas e marginalizadas.

Sua proposta metodológica foi elaborada a partir de perspectivas teóricas claramente definidas e resultou de uma longa investigação de procedimentos que "pudessem colocar o processo educativo a serviço da 'humanização' integral do homem, da democratização fundamental da sociedade" (BEISEGEL, 1989, p. 287).

O método traduzia coerentemente para a prática educativa as intenções que enformaram sua elaboração. A prática do diálogo, os debates entre os educandos, o estímulo ao aprofundamento da capacidade de reflexão crítica, o incentivo à busca de participação..., tudo podia realmente ser visto como um início de capacitação dos homens para a participação consciente na própria humanização e na reconstrução da sociedade (BEISEGEL, 1989, p.287).

Paulo Freire nos deixa seu legado e um convite de reinventá-lo em nossa práxis, assumindo-nos educadores e educadoras compromissados com a educação a serviço da "humanização", que só se faz possível pelas vias do diálogo, da conscientização, da democratização, conceitos-chave da metodologia freiriana que devem ser assumidos por gestores, professores, profissionais da educação, pela comunidade escolar e por toda a sociedade.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
“Paulo Freire: contribuições
para a educação pública”

REFERÊNCIAS

BEISEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular**. 2ª. Ed. São Paulo, Ática, 1989.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção O Mundo, Hoje, v.10).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34a.Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Compromisso - América latina e Educação Popular**, 2008.